

SUICÍDIO DE IDOSOS EM CAMPINA GRANDE: UM ESTUDO DO JORNAL DA PARAÍBA EM 1995-1996

Vanessa Bezerra de Almeida¹

Introdução

Este artigo é um cruzamento preliminar das pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto “Mídia, violência e governo dos velhos da velhice. Um estudo do Jornal da Paraíba entre 1994-2005”. Não alimento a pretensão de aprofundar a temática neste artigo, mas somente de trazer algumas considerações e informações sobre um campo pouco comentado no campo da violência contra idosos e da história da velhice, a questão do suicídio.

Num primeiro momento desta pesquisa, procurei fazer um levantamento de bibliografia a respeito, mas tal foi a surpresa ao descobrir que o suicídio, não somente de idosos mas de forma geral é um objeto de estudo muito pouco discutido, tendo referências muito antigas ou sendo tratado num âmbito diferente do que me seria útil nessa primeira etapa da pesquisa, como no caso de algumas correntes da psicologia e psiquiatria, campos que não pretendo adentrar.

No contato com as fontes (Jornal da Paraíba, inicialmente anos de 1995 e 1996), pude perceber como esse periódico constrói sentidos vários em torno dos acontecimentos, como tal fonte desenha rostos para as figuras ali escritas, como aprisionam pessoa e acontecimento em estereótipos vários. Nesse sentido, constroem-se ainda motivos pelos quais um ato como o suicídio pode ser cometido. Chama atenção que a grande maioria dos idosos tenha os mesmos motivos para cometer suicídio: depressão e crise financeira. Nesse momento estabelecemos contato com uma parte mais trabalhada do campo de estudo: a violência contra o idoso, nas suas mais diferentes formas, seja na sociedade em geral na família ou mesmo de forma implícita e na dependência, seja ela pelas mais variadas causas, está intrinsecamente ligada ao suicídio de idosos.

¹ Aluna do 8º período de graduação na Universidade Federal de Campina Grande. Aluna voluntária do projeto Pibic: “Mídia, violência e governo dos velhos e da velhice. Um estudo do Jornal da Paraíba entre 1994 – 2005”, orientado pelo profº Dr. Alarcon Agra do Ó.

Conforme coloca Peter Burke, o presente é um instante histórico peculiar (2003) e neste trabalho pretendo me aproximar de um campo que vem sendo nomeado recentemente como História do Presente. Por muitos anos cultivou-se o pensamento que o historiador deveria estar afastado (tanto temporalmente, como emocionalmente) do seu objeto de estudo, resquícios ainda de uma visão positivista. De alguns anos pra cá temos mais liberdade para problematizar um recorte temporal que se confunde de forma mais imediata com nosso presente, nosso próprio tempo de vida.

A velhice, o suicídio e a depressão: situações interligadas?

Segundo a Organização Mundial de Saúde, acontecem cerca de 1 milhão de suicídios por ano. No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, acontecem cerca de 7 719 (MINAYO, 2009). O que parecia ser algo tão abominável como tirar a própria vida, está se tornando cada vez mais visível aos nossos olhos: o Ministério da Saúde coloca ainda que o número anteriormente citado só tende a aumentar com o passar dos anos, mesmo que no Brasil as taxas sejam baixas, comparado com países como o Japão e os Estados Unidos, por exemplo, onde ocorrem cerca de 32 mil suicídios ao ano.

Nesse cenário, chama a atenção um fato interessante: entre tantos personagens da experiência histórica contemporânea, o maior número de casos de suicídio por faixa etária se encontra, no presente, naquelas pessoas aprisionadas pelos nomes tantos da velhice (BARROS, 1998; LLORET, 1998), na faixa acima dos 60 anos. É fato ainda que crescem os números na faixa que vai dos 25 aos 35 e que a sociedade tem se preocupado muito mais em estudar este segmento, já que os mais jovens são tidos como futuro da nação. Mas há que se pensar o porquê desses idosos estarem no topo da lista de suicídio, que tipo de situações provocam essa “opção” pela “interferência humana no evento inexorável da morte, que no imaginário de muitas sociedades é interpretado como vontade de Deus, dos deuses ou como ciclo natural da vida.”(MINAYO, 1998)

A partir dos anos 90, a imprensa campinense passa a divulgar muito mais casos de violência à pessoa idosa, seja essa violência praticada por outros ou provocada pelos próprios idosos contra si mesmos, sendo raros os meses em que não se encontra algum tipo de notícia ou referência a atos agressivos a pessoas nomeadas como idosas (AGRA DO Ó et alii, 2010). Assim, no âmbito do projeto² pudemos ter contato com o Jornal da

² O trabalho se filia ao projeto PIBIC “Mídia, violência e governo dos velhos e da velhice. Um estudo do Jornal da Paraíba entre 1994 - 2005”, bem como ao Grupo de Pesquisa “Velhice: olhares, saberes e

Paraíba, um diário campinense, fundado em 1971 que desde lá tem circulado sem interrupção³. No contato com os decorrer dos anos estudados, os anos de 1995 e 1996 chamaram a atenção por nestes terem ocorrido os maiores índices de casos de suicídio de idosos. O discurso dos parentes dessas pessoas à redação do Jornal aponta como principais fatores a depressão, os problemas financeiros e a solidão, mesmo que em nenhuma das notícias analisadas o idoso tenha deixado nenhum bilhete ou indicação do por que de cometer tal ato, o que é muito comum entre suicidas. Esse artigo é um estudo preliminar desses casos, com o intuito de pensar as formas que o Jornal da Paraíba coloca essas notícias, como a própria sociedade as recebe e tentar pensar os motivos que esse veículo de comunicação e as famílias apresentam como sendo motivadores dessa prática.

Devemos ainda lembrar que no decorrer dos anos 1990, os idosos foram colocados como portadores de novos direitos, com a oficialização da Política Nacional do Idoso (Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994)⁴, que certamente deve ter sido precedida de inúmeros debates e de uma necessidade de se estabelecer um “lugar social” para a pessoa idosa. Essa Lei vai estabelecer vários direitos ao idoso, que mesmo sendo direitos primordiais a qualquer ser humano, agora se tornam legitimados em forma de Lei sancionada pelo Governo Federal.

Sabemos que a oficialização de uma Lei não altera imediatamente as relações sociais ou mesmo as alteram muito pouco, simplesmente por se tratar de um novo “regulador” para as ações da sociedade ou ainda por impor uma forma de poder baseada na eficácia do medo. Mesmo assim, é caro supor que esse tipo de ruptura abre espaço para a sociedade experienciar novas práticas sociais e culturais, relevantes e significativas (NEDER, 2007). Em relação aos idosos, muito pouco mudou no tratamento ao longo dos anos, e mesmo num momento mais atual, que já conta com o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003)⁵. Assim, nos anos de 1995 e 1996 que estão bem próximos à oficialização do Estatuto do Idoso podemos perceber pelas páginas do jornal analisado que é comum a figura do idoso solitário, desacompanhado do convívio familiar, do idoso que não é mais respeitado como

práticas”, do Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande.

³ <http://jornaldaparaiba.globo.com/hist.php>

⁴ <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8842.htm>

⁵ <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=237486>

cidadão, sendo relacionado a uma “carga familiar”, um “peso” que seus familiares tem por obrigação cuidar. Tudo isso, provoca no idoso um sentimento de exaustão diante da vida e a vontade de adiantar a hora da morte, o que podemos considerar em alguns casos, sintomas da doença que hoje é considerada “mal do século 21”, a depressão.

Segundo especialistas, a depressão é uma doença de caráter psicoemocional, que afeta o organismo como um todo e que é considerada como um problema de saúde pública atualmente. Nos anos 1980 o termo “depressão” popularizou-se, tornando-se muito mais abrangente e fonte para novos termos lingüísticos. Nos anos 1990 foram publicados estudos sobre as causas da depressão e seus resultados mostraram que a doença está intrinsecamente ligada às relações do indivíduo e que com a realidade que a nossa sociedade vem vivenciando: a rapidez das relações, o individualismo exacerbado, a falta de interesse pelo outro (LIPOVETSKY, 1983).

O velho nesse sentido, é visto como uma figura fragilizada, que não acompanha a rapidez dessa nossa atualidade, ficando assim reservado à ocupação de um lugar à margem dessa sociedade. O corpo do velho é colocado generalizadamente como um corpo frágil, incapaz e que não serve mais para atividades que pouco antes desempenhava prontamente.

“...nas sociedades ocidentais a idade cronológica é estabelecida por um aparato cultural, um sistema de datação, independente e neutro em relação à estrutura biológica e à incorporação dos estágios de maturidade. Os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades ocidentais não porque elas disponham de um aparato cultural que domina a reflexão sobre os estágios de maturidades, mas por exigência das leis que determinam os direitos e deveres do cidadão.”
(DEBERT, 1998)

Assim, quando o indivíduo completa seus 60 anos de vida a lei o classifica como idoso e a sociedade o define um indivíduo que passa a ser regido por inúmeras imposições relacionadas à construção histórica de alguém que chega à terceira idade (DEBERT, 1998).

Nesse momento, nos deparamos com a seguinte realidade: o idoso passa ser, de certa forma, discriminado socialmente e sua família toma as rédeas da sua vida, no que

justificada pelo “cuidar” daquele ser que não pode mais ter controle sobre si mesmo. A partir daí, tem por início a cadeia de fatos a que a nossa sociedade está acostumada a lidar: idosos sendo maltratados, brigas familiares em torno do dinheiro da aposentadoria e depressão.

As notícias acerca de situações violentas nos jornais é um indicativo das preocupações da opinião pública da sua época (GARNEL, 2007). Essa mídia coloca “imagens conflitantes em relação à velhice, construídas a partir da enunciação do risco inerente às práticas contemporâneas de sociabilidade”(AGRA DO Ó et alii, 2009).

“A vida social, dizem as mídias, é um território conflituoso por definição, e palco da vitimização inclemente dos mais frágeis, dos incautos, dos que não conseguem se impor pela força, pela vitalidade, pelo domínio dos códigos cada vez mais escorregadios e volúveis de um convívio individualizado e brutalizado (BAUMAN, 2009). (...) Existem, então, os que nela se ajustam, e os que não – como transgressores ou como vítimas, estas últimas quase culpadas do que se lhes ocorreu, dada sua incapacidade, voluntária ou não, de procurar o abrigo e a proteção que se instituem *socialmente* como *corretos*.” (AGRA DO Ó et alii, 2010)

Nos casos de suicídio, a situação que se encontra é bem a colocada por Bauman: indivíduos que não conseguem se adaptar aos códigos do individualismo exacerbado ou abandonados pelos familiares, já que representam uma ligação com o passado, com a lentidão, com um tempo onde os fatos ocorriam num outro ritmo hoje criticado.

Dentre os casos analisados, dois que chamam a atenção são o do sexagenário José Florêncio da Silva, registrado no Caderno Policial do dia nove de fevereiro de 1996 e o do septuagenário Odon Themóteo de Maia, registrado no Caderno Policial do dia quinze de outubro de 1996, transcritos abaixo, respectivamente:

Crise financeira faz com que aposentado se enforque dentro de sua residência.

Dificuldade financeira. Este é o único motivo que a família do aposentado José Florêncio da Silva, 64, solteiro, acredita que tenha sido a causa do suicídio praticado na madrugada de ontem. Por volta das 3 horas, o corpo de Florêncio foi encontrado pendurado numa das

dependências da sua residência na Rua Maria Salete Freire, 13, no bairro do Cruzeiro, em Cuitegí, Brejo Paraibano.

A polícia que encaminhou o cadáver para o Instituto Médico Legal em João Pessoa recebeu informações de que José Florêncio vinha tendo fortes crises de depressão nos últimos dias, mas também nunca falou sobre a morte com seus familiares.

Na noite de anteontem, ele demonstrou estar perturbado. Pela madrugada utilizando uma corda de sisal amarrada nos caibros de sua residência, o aposentado – que sempre reclamava da dificuldade financeira que vinha enfrentando – se enforcou. Ele não deixou nenhum bilhete. Ainda assim, o inquérito será instaurado na delegacia daquele município.

Septuagenário banha o corpo com álcool e ateia fogo por estar depressivo.

Diante de uma forte crise depressiva e preocupado, nos últimos dias, com problemas surgidos na sua aposentadoria, Odon Themóteo de Maia, 72, casado, se matou depois de banhar-se com álcool e atear fogo no corpo. Com queimaduras de 1º, 2º e 3º graus, a vítima foi socorrida ainda com vida para o Hospital Antônio Targino, mas não resistiu às queimaduras e morreu na manhã de ontem.

Ele banhou-se com álcool no interior da sua residência, na Rua José Belo, em São José do Egito (PE). Seus familiares comentaram ontem, na Unidade de Medicina Legal de Campina Grande, onde o cadáver foi necropsiado, que o septuagenário estava bastante nervoso nos últimos dias e sempre falava nos problemas surgidos com a sua aposentadoria. Eles não detalharam que tipo de problema.

A família foi surpreendida com Odon Themóteo gritando dentro de casa com o corpo em chamas. Depois que conseguiram apagar o fogo; os filhos trataram de socorrê-lo para Campina Grande, onde morreu na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Antônio Targino.

Nas duas notícias acima é visível a posição que o já referido jornal toma sobre os autores de suicídio. Esses indivíduos, antes de serem suicidas são pessoas idosas, sem gênero ou raça, aprisionados por termos como septuagenário, sexagenário, octogenário e o mais comum, o termo aposentado. Outro fator que chama a atenção dentre todas as notícias analisadas também se reflete nas duas que foram transcritas acima: o fato de todos os suicidas pertencerem ao sexo masculino. Vale salientar que os estudos da Organização Mundial de Saúde colocam que a taxa de suicídios é muito maior entre os homens, não somente no Brasil, mas mundialmente. Essas vítimas apontadas acima também fazem parte de outro contexto comum: moram na zona rural, lugar onde os costumes são diferentes dos experienciados pelas pessoas que residem na zona urbana (ECKERT, 2002).

Por fim, chegamos ao último ponto comum: o fato dos dois homens estarem sofrendo da mesma doença, muito comum quando se trata de casos de suicídio, que é a depressão. A velhice é tida na sociedade como o fim da linha, o fim da vida, lugar onde não se tem mais espaço para projetos futuros (apesar desse aspecto vir se modificando muito nos últimos anos), uma espécie de ante-sala da morte. Assim, como se justificar que essas pessoas tirem sua vida quando é dito que estas já estão no fim delas? Talvez uma resposta possível a esse questionamento esteja relacionada com os valores que alguns idosos (homens) ainda carregam de provedores de família e de sustento da casa, isto se referindo aos casos citados acima. Nesses casos ainda podemos perceber que os suicidas não moravam sozinhos, mas inúmeras outras notícias analisadas traziam a solidão como motivo do suicídio. Esses homens são deixados sozinhos pela família que trata de cuidar de suas próprias vidas e quando aparecem é para uma rápida visita ou até quando estes estão doentes somente para ver se ainda tem vida.⁶

Considerações Finais

Nestas reflexões, em momento algum busquei conclusões acerca dos fatos estudados. Propus-me a enumerar problemáticas e identificar novas formas de tratar desse assunto, pensando como um veículo de comunicação pode traçar caminhos e criar formas de ver determinado assunto.

Ainda por ser um campo muito novo e com pouca bibliografia existente, procurei me deter muito mais a levantamento de questões para que mais pessoas possam preencher essa “lacuna” no campo da história.

Sobre a velhice, o suicídio, a depressão e o questionamento dos periódicos, desvinculados, separadamente, existem vários estudos sim, mas é necessário que se cruzem não somente no campo da história, mas no campo das ciências humanas.

O artigo proposto trabalha muito mais com possibilidades. Mas, entender as tentativas autodestrutivas da sociedade a partir de suas taxas de suicídio, através de uma

⁶ Caso contado pelo Promotor de Justiça Dr. Luiz Nicomedes de Figueiredo Neto, em mesa-redonda sobre “Violência contra o idoso” no II Seminário de Psicologia Jurídica e Psiquiatria Forense, promovido pelos cursos de Psicologia e Direito da Universidade Estadual de Campina Grande, no período de 20 a 22 de maio de 2010, no qual uma idosa doente que não podia se mexer foi resgatada pela Curadoria pois seu neto que era responsável pelos cuidados só aparecia a cada três dias para deixar comida. A mulher apresentava necroses em todo lado direito do corpo já que não conseguia se mexer e necessitava de alguém para vir-la de lado e o neto não o fazia. <http://seminariopjpf.blogspot.com/>

fonte que lida diretamente com a construção dos fatos e ainda, estabelecer ligações com a velhice é “princípio de caminho a ser trilhado por todos os que acreditamos que os impulsos de vida podem ser mais fortes que os causadores de morte”(MINAYO, 1998).

Referências

AGRA DO Ó, Alarcon. Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos* [online]. 2008, vol.15, n.2, p. 389-400.

AGRA DO Ó, A ; ALMEIDA, V. B. ; SOUZA, R. N. ; COSTA, T. . A violência contra idosos na mídia: uma reflexão sobre a produção dos sentidos. *Revista FAMECOS (Online)* ^{JCR}, v. 17, p. 121-129, 2010.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.) *Velhice ou terceira idade?* Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva e WATANABE, Helena Akemi Wada. Violência contra idosos: do invisível ao visível? In: CORTE, Beltrina. et. alii.(orgs.) *Velhice, envelhecimento, complex(idade)*. São Paulo: Vetor, 2005.

BURKE, Peter. *Uma História Social do conhecimento de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 11-19

DEBERT, Guita Grin. O velho na propaganda. *Cad. Pagu*, 2003, no.21, p.133-155. ISSN 0104-8333

ECKERT, Cornelia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza e COIMBRA JR., Carlos E. A. (Orgs.) *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GARNEL, Maria Rita Lino. *Vítimas e violências na Lisboa da I República*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Abr 2002, vol.9, no.1, p.61-78. ISSN 0104-5970

IRIGARAY, Tatiana et alii. Características de personalidade e depressão em idosas da Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS). *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Ago 2007, vol.29, no.2, p.169-175. ISSN 0101-8108

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades do outro. In: LAROSSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de. (orgs) *Imagens do outro*. Petropolis: Vozes, 1998, p. 13-23.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Seis características das mortes violentas no Brasil. *Rev. bras. estud. popul.* [online]. 2009, vol.26, n.1, pp. 135-140. ISSN 0102-3098.

_____. A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. *Cad. Saúde Pública*, Abr 1998, vol.14, no.2, p.421-428. ISSN 0102-311

NEDER, Gizlene. (org) *História & direito*. Jogos de encontros e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade como categorias identitárias atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 15, n.1. p. 155-168. jan-mar. 2008.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002.

WIEVIORKA, Michel. Violência hoje. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 2010.